

OS PROCESSOS DE FLEXÃO NAS LÍNGUAS DE SINAIS

The Processes of Flexion in Sign Languages

DOI: 10.14393/LL63-v37n2-2021-18

Raquel Bernardes *

Eliamar Godoi **

Letícia de Sousa Leite ***

RESUMO: Assumimos como objetivo geral do presente estudo investigar sobre o processo de flexão nas línguas de sinais. Especificamente, pretendemos analisar o fenômeno de flexão na Língua Brasileira de Sinais – Libras. Quanto ao quadro teórico-metodológico, o estudo conta com uma revisão bibliográfica da temática de estudo. O referencial teórico desse estudo se baseia em um conjunto de pressupostos teóricos que nortearam o trabalho descritivo das línguas de sinais e da Libras, sobretudo os desenvolvidos por Aronoff (1997), Aronoff, Meir e Sandler (2005), Felipe (2006), Ferreira Brito (1995;2010), Quadros e Karnopp (2004). O desejo de contribuir com os estudos na área da descrição dos aspectos morfológicos da Libras e a pouca ênfase dada ao tratamento dos processos de flexão nas línguas de sinais é o que justifica essa pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Processo de flexão. Língua de sinais. Libras.

ABSTRACT: The general objective of the present study is to investigate the flexion process in sign languages. Specifically, we intend to analyze the flexion phenomenon in the Brazilian Sign Language – Libras. As for the theoretical-methodological framework, the study draws on a bibliographic review of the topic. The theoretical framework is based on a set of theoretical assumptions that have guided the descriptive work of sign languages and Libras, especially those developed by Aronoff (1997), Aronoff, Meir and Sandler (2005), Felipe (2006), Ferreira Brito (1995; 2010), Quadros and Karnopp (2004). This study is justified by our desire to contribute to studies focused on describing the morphological aspects of Libras and by the little attention paid to flexion processes in sign languages.

KEYWORDS: Flexion process. Sign language. Brazilian Sign Language.

* Doutoranda em Estudos Linguísticos e Intérprete de Libras da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Pesquisadora do GPELET– Grupo de Pesquisas em Estudos da Linguagem, Libras, Educação Especial e a Distância e Tecnologias. ORCID: 0000-0003-4527-469X. E-mail: raqbernardes(AT)hotmail.com

** Doutora em Estudos Linguísticos e Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – PPGEL da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Líder do GPELET – Grupo de Pesquisas em Estudos da Linguagem, Libras, Educação Especial e a Distância e Tecnologias. ORCID: 0000-0001-9306-1379. E-mail: eliamarufu(AT)gmail.com

*** Doutoranda em Estudos Linguísticos e Intérprete de Libras da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Pesquisadora do GPELET– Grupo de Pesquisas em Estudos da Linguagem, Libras, Educação Especial e a Distância e Tecnologias. ORCID: 0000-0002-6335-0118. E-mail: leticia.leite(AT)ufu.br

1 Introdução

A definição geral para flexão envolve a ação de fletir, dobrar-se ou curvar-se. Na academia de atividade física, flexão é o nome dado ao movimento de aproximação entre partes do corpo através de ação muscular. Algo semelhante acontece com a língua e nesse contexto, a morfologia permite que as palavras sejam modificadas, ora partes delas são retiradas, ora outras partes são acrescentadas para inserir ou omitir informações gramaticais.

Os primeiros estudos descritivos relacionados ao léxico e sintaxe das línguas de sinais surgiram a partir de 1960, iniciados por Stokoe. O referido pesquisador da língua de sinais americana investigou a formação do sinal a partir de três parâmetros que eram realizados simultaneamente, a saber: a configuração das mãos, localização e movimentos. Posteriormente os estudos feitos por Baker e Padden em 1978, incluíram os traços não manuais como as expressões faciais, movimentos da boca e dos olhos como distintivos na língua de sinais americana. Os estudos desenvolvidos por Stokoe, partindo da língua de sinais americana, serviram de base para outras línguas de sinais. No Brasil, os estudos linguísticos sobre a Libras voltados para formação de sinais foram iniciados principalmente por Ferreira Brito (1995; 2010) e posteriormente, por Quadros e Karnopp (2004).

A Libras, Língua Brasileira de Sinais, é o meio legal de comunicação e expressão das comunidades surdas do Brasil (BRASIL, Lei 10.436/02). A estrutura lexical da Libras, assim como de outras línguas de sinais, é composta e organizada por parâmetros que se combinam, principalmente, com base na simultaneidade (FERREIRA, 1995; 2010), quais sejam: Configuração de Mão – CM, Movimento – M, Ponto de Articulação – PA, Orientação – O, Expressão Facial/corporal ou Expressão não-manual – EF.

As línguas de sinais são línguas completas, complexas, de modalidade gestual-visual e possuem o espaço como canal de comunicação. O que difere as duas modalidades de língua não está no uso do aparelho fonador ou das mãos no espaço, de acordo com Ferreira (1995:2010). A diferença básica entre as línguas de sinais e as línguas orais está nas características na organização/combinção de seus elementos mínimos (organização fonológica), sendo a linearidade mais empregada nas línguas orais e a simultaneidade como sendo característica básica das línguas de sinais (FERREIRA, 1995; 2010).

As línguas de sinais possuem sistemas de flexão complexos, dentre os quais Aronoff, Meir e Sandler (2005) destacam pelo menos dois, a concordância verbal e as construções de classificadores. De acordo com os autores, esses processos são iconicamente fundamentados na cognição espaço-temporal e relacionados com a morfologia simultânea das línguas de sinais. Os pesquisadores elucidam que as línguas de sinais também podem apresentar mecanismos de flexão por padrões sequenciais, no entanto, essa morfologia é menos encontrada.

Discutir sobre processos flexionais das línguas de sinais nos inscreve naturalmente no campo da morfologia, cabendo destacar que as línguas de sinais são organizadas a partir de uma morfologia complexa, cuja estrutura morfológica é baseada na simultaneidade, no sentido de que os diferentes morfemas de uma palavra são sobrepostos simultaneamente um ao outro, em vez de ficarem juntos, como costumam ser os das línguas faladas. (ARONOFF; MEIR; SANDLER, 2005).

Segundo Aronoff (1997), a morfologia flexional não é universal, mas se faz presente em muitas línguas de forma arbitrária e sistemática. O autor busca tratar da interação de sistemas de gênero específicos das línguas com o mecanismo universal de concordância, uma vez que, é através dessas idiosincrasias dos sistemas linguísticos individuais que torna possível identificar o que é de domínio universal. Como exemplo de arbitrariedade do gênero, o pesquisador cita a marcação de gênero no Espanhol e em Hindi: o gênero feminino em Espanhol é realizado normalmente na classe –a e o masculino na classe –o; e, em Hindi, o masculino é realizado através de –a e feminino através de –i, mostrando que a realização de um gênero através de qualquer forma específica é arbitrária.

De acordo com Aronoff, não apenas a realização morfológica do gênero é arbitrária, mas também, as categorizações dos sistemas de gênero. Os sistemas de marcação de gênero podem variar bastante entre as línguas, diferente das categorias de pessoas, número e caso, que podem ser mais regulares. Assim, o autor destaca que alguns sistemas de gênero são baseados no sexo, outros baseados na forma, ou então, enraizados na animação e, ainda outros são baseados quase inteiramente na forma fonológica, que por definição é arbitrária.

Mesmo não sendo universal, as línguas que possuem tal morfologia flexional são altamente sistemáticas e regulares, assim, Aronoff esclarece que as línguas possuem um mecanismo de concordância obrigatório e universal. Algumas categorias apesar de serem

restritas de cada língua, apresentam sistemas morfossintáticos próximos e são mais regulares, dentre estas, Aronoff (2005) destaca as categorias, pessoa, caso e número.

Nas palavras do autor, “a categoria pessoa distingue universalmente orador, destinatário e outros, com alguns se diferenciando ainda mais entre outros” (ARONOFF 1997, p. 11). O linguista ainda esclarece que a categoria número nem sempre se apresenta com distinção na gramática, mas caso isso ocorra, obedece um sistema implicacional simples. Em contraste, a categoria gênero é bastante diversificada, sendo específica de cada língua. De acordo com Aronoff (1997), o sistema de gênero é diversificado não apenas na quantidade de gêneros que uma língua baseia, mas também na base cognitiva desses gêneros, conforme o autor se respalda nos estudos de Corbett (1991).

Aronoff esclarece que em qualquer língua a categoria de gêneros particiona o conjunto de substantivos. Logo, o autor afirma que a maioria das línguas que não têm gênero, diz-se que existe apenas um gênero ou nenhuma partição do conjunto de substantivos. Já para línguas em que o conjunto de substantivos são particionados em mais de um gênero, mesmo se não houver um critério bem definido para esse particionamento, ele é exaustivo. Os sistemas de gêneros são individuais ou específicos em cada língua, podendo ser motivados de maneiras diferentes. Para exemplificar a questão, o Aronoff (1997) explica o sistema de gênero em algumas línguas.

Em Arapesh existe o gênero humano masculino que é totalmente semântico, e além desse, o gênero humano feminino e um gênero padrão não são fonológicos, os demais onze gêneros são inteiramente fonológicos. Em Yimas (ao citar FOLEY 1986: 1991) Aronoff esclarece que existem quatro gêneros semânticos, seis gêneros puramente fonológicos e um padrão. Em outras línguas com sistema misto de gênero, os membros de um único gênero podem ser motivados por uma variedade de fatores. Como no latim em que normalmente, os animais recebem gênero por sexo, quando o sexo é diferenciado; a maioria dos nomes de plantas é feminina; a maioria dos nomes de rios e montanhas é masculina; raízes que terminam em “cr” são geralmente masculinas; os substantivos de terceira declinação com raízes que terminam em certas sequências (por exemplo, el, al, os) são neutros, assim como são indeclináveis.

Em relação especificamente aos processos flexionais nas línguas de sinais, tomando como exemplo a Língua de Sinais Americana, Aronoff (1997) afirma que a concordância de

sujeito e objeto é lítica. Os sinais são realizados no espaço em torno do sinalizador, assim os sinais recebem localizações nesse espaço de sinalização e o contrato (concordância) é codificado no *locus* inicial e final dos verbos. O autor esclarece, portanto, que o tipo de acordo pode ser interpretado com a cópia do *locus* do sujeito e do objeto no verbo como prefixo e sufixo.

Isso posto, assumimos como objetivo geral do presente estudo investigar sobre o processo de flexão nas línguas de sinais. Especificamente, pretendemos analisar o fenômeno de flexão na Língua Brasileira de Sinais – Libras. Quanto ao quadro teórico-metodológico, o estudo conta com uma revisão bibliográfica da temática de estudo. O referencial teórico desse estudo se baseia em um conjunto de pressupostos teóricos que nortearam o trabalho descritivo das línguas de sinais e da Libras, sobretudo os desenvolvidos por Aronoff (1997), Aronoff, Meir e Sandler (2005), Felipe (2006), Ferreira Brito (1995;2010), Quadros e Karnopp (2004).

Diante desse quadro, o desejo de contribuir com os estudos na área da descrição dos aspectos morfológicos da Libras e a pouca ênfase dada ao tratamento dos processos de flexão nas línguas de sinais é o que justifica essa pesquisa. E ainda, considerando a imensidade do campo de investigação nos limites da morfologia das línguas de sinais, sobretudo no campo da flexão com ênfase na Língua Brasileira de Sinais – Libras, entendemos que há muito ainda a se investigar e descrever sobre a Libras.

Além disso, encontramos justificativa também no fato de que os estudos descritivos sobre a Libras podem contribuir para potencializar a sua difusão e garantir sua perenização na linguística e na história, restando óbvia a necessidade de se continuar a investir nas pesquisas no que diz respeito a Libras. Sendo assim, é no sentido de alimentar o interesse científico pela estrutura da Libras em seu aspecto de flexão, o que mais justifica esse estudo.

Nesse contexto, entendemos esse estudo como um espaço de produção e divulgação de ciência. Trata-se de uma contribuição para a área da pesquisa descritiva da Libras, servindo de espaço para não apenas fazer pesquisa, mas também, para compartilhar e divulgar pesquisas das línguas de sinais.

2 O fenômeno de flexão na Libras na perspectiva de Quadros e Karnopp (2004)

Tomando como referencial teórico Klima e Bellugi (1979) na descrição de processos flexionais na língua de sinais americana – ASL, Quadros e Karnopp (2004) apresentam as semelhanças desses processos com o fenômeno de flexão na Libras, sendo ambas as línguas de mesma modalidade. Klima e Bellugi (1979) apresentam oito diferentes processos: pessoa (dêixis); número; grau; modo; reciprocidade; foco temporal; aspecto temporal; e, aspecto distributivo. A partir dos estudos desses autores, Quadro e Karnopp apresentam o fenômeno de flexão na Libras levando em conta cada um desses processos.

O primeiro processo de flexão para pessoa utilizando recursos dêiticos está relacionado à classe dos verbos, visto que a dêixis muda os referências pessoais no verbo. De acordo com Quadros e Karnopp (2004), esses processos dêiticos descrevem uma forma particular de estabelecer nominais no espaço que é utilizado pelo verbo com concordância, como parte de sua flexão. Entendemos com isso que os dêiticos marcam referentes que são introduzidos no espaço de sinalização, através de apontação em diferentes locais à frente do enunciador.

A esse respeito, Quadros e Karnopp (2004, p.112) esclarecem que “as formas verbais para pessoas são estabelecidas através do início e fim do movimento e da direção do verbo, incorporando estes pontos previamente indicados no espaço para determinados referentes”. Dentre os possíveis pontos estabelecidos no espaço, as autoras destacam os pronomes pessoais na 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e plural na Libras (EU; VOCÊ; ELE/ELA; NÓS; VOCÊS; ELES/ELAS) que podem ser empregados em verbos flexionais como ENTREGAR, por exemplo, EU ENTREGAR VOCÊ; VOCÊ ENTREGAR EU; e ELE ENTREGA ELE caso em que a direcionalidade do verbo muda para concordar com o referente, marcado no espaço de sinalização.

Dentre as várias formas possíveis de estabelecer pontos no espaço, as autoras esclarecem que existe uma forma mais comum pela apontação explícita envolvendo referentes presentes (apontação feita à frente do sinalizador direcionando a posição real do referente) e não-presentes (estabelecendo pontos arbitrários no espaço), e destacam ainda os referentes que apresentam uma localização específica, em que se deve observar a posição topográfica. Como exemplo, as pesquisadoras destacam alguns referentes estabelecidos no mapa do Brasil, em que um mapa imaginário é desenhado pelo enunciador no espaço de sinalização apontando para o local específico dos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Pará.

Quadros e Karnopp elucidam que os pontos estabelecidos respeitam uma estrutura, mesmo para referenciais não-presentes, em que o sinalizador observa o contraste entre os pontos estabelecidos à sua frente. Para exemplificar, as autoras retratam que em uma contação de história com dois personagens principais, geralmente, um deles é estabelecido à direita e o outro à esquerda do sinalizador, caso faça referência a um terceiro personagem, este será estabelecido em um ponto diferente ao dos dois pontos referentes anteriores, de forma contrastiva. Assim, as autoras alertam que as possibilidades de estabelecer referentes no espaço de sinalização são inúmeras, mas a capacidade humana de memória pode restringi-las, uma vez que o sinalizador deverá se lembrar de todos os pontos a serem referidos novamente através de apontação ostensiva ou por meio de flexão verbal.

A respeito dos verbos, tomando como parâmetro de comparação a ASL, Quadro e Karnopp mostram que os tipos de processos de flexão podem dividir os verbos em três classes. A primeira classe apresentada é a de verbos simples que não flexionam em pessoa e número e não incorpora afixos locativos. De acordo com as autoras, alguns desses verbos apresentam flexão de aspecto, mas não indica a que flexão de aspecto se refere (são exemplos: CONHECER, AMAR, APRENDER, SABER, INVENTAR, GOSTAR). A segunda classe é a de verbos com concordância que flexionam em pessoa, número, e aspecto, mas não incorporam afixos locativos (são exemplos: DAR, ENVIAR, RESPONDER, DIZER, PROVOCAR). E, por último, a terceira classe de verbos espaciais que têm afixo locativo (são exemplos: COLOCAR, IR, CHEGAR).

Outro processo de flexão apontado pelas autoras é a flexão de número. Para Quadros e Karnopp, existem várias formas de verbos e substantivos na Libras que possibilitam a apresentação por meio da flexão de número, sendo que a mais básica é a distinção entre singular e plural marcada pela repetição do sinal. Como exemplo, as autoras destacam o sinal de ANO-ANTERIOR e ANOS-ANTERIORES, ambos sinais são realizados com os mesmos parâmetros, porém, no segundo caso, os sinais devem ser repetidos. Nesse caminho, Quadros e Karnopp destacam que outra forma de flexão de número está relacionada à distinção entre a flexão do verbo para um, dois, três ou mais referentes. O verbo com concordância pode direcionar-se indicando um, dois, três pontos restabelecidos no espaço ou por uma referência generalizada incluir todos os referentes integrantes do discurso, marcando plural. Como

exemplo, as autoras apresentam as sentenças, JOÃO ENTREGAR_{abc} (LIVRO) e, (JOÃO) ENTREGAR_{a+b+c+d} (LIVROS).

No primeiro exemplo, o verbo é repetido a cada referente incluído (abc); no segundo exemplo, o movimento é alterado e realizado de modo a incluir todos os possíveis referentes sem especificidade (a+b+c+d). Logo, as autoras destacam que essa última forma é referida por Klima e Bellugi (1979) como flexão múltipla. Assim, tais possibilidades de flexão de número variam de acordo com o objeto direto, em que a flexão difere do singular, dual, trial e do plural que inclui todos. De acordo com Quadros e Karnopp, outra forma de flexão que está intimamente relacionada com a flexão de número é a marcação de flexão de aspecto distributivo presentes também nos verbos com concordância, incluídos os verbos espaciais. As pesquisadoras apresentam três dessas formas na Libras, sendo: exaustiva – que é a ação repetida exaustivamente; distributiva específica – que é a ação de entregar para referentes específicos; e distributiva não-específica – que é a ação de distribuição para referentes indeterminados.

Evidenciando a complexidade das formas flexionais das línguas de sinais, Quadros e Karnopp destacam que Klima e Bellugi (1979) descreveram onze dimensões para representar as formas que os sinais podem acessar, e que tais dimensões podem variar minimamente observando padrões sintáticos. Conseqüentemente, também estão presentes na determinação de flexões e de derivações diversas. As onze dimensões são: plano, padrão geométrico, direção, forma, velocidade, tensão, uniformidade, tamanho, padrões de curvatura, ciclicidade e duplicação das mãos.

Foram observados e listados cinco exemplos dessas dimensões na Libras, conforme Quadros e Karnopp (2004, ps.125 e 126) ilustram, sendo eles: direção (ex.: EU ENTREGAR VOCÊ/VOCÊ ENTREGAR EU); velocidade/tensão (ex.: DIARIAMENTE/DIARIAMENTE++); ciclicidade (ex.: SEMPRE+/SEMPRE++); tensão/tamanho (ex.: BONITO/BONITO+/BONITÃO); e, duplicação (ex.: VERGONHA/VERGONHA+/VERGONHA++ – último sinal realizado com as duas mãos). As autoras destacam a necessidade de aprofundar as pesquisas na Libras a fim de serem identificados mais padrões utilizados para representar as formas que os sinais podem acessar, dentre outros aspectos presentes na língua.

Por fim, as pesquisadoras destacam que os limites entre a fonologia e a morfologia demandam um campo de investigação vasto, uma vez que existe a necessidade pungente de descrição e análise das línguas de sinais. Em específico a Libras, foco do presente estudo, existem diferentes possibilidades de pesquisa, uma vez que as autoras afirmam que os trabalhos realizados até então se mostram muito incipientes. Em seus estudos, Quadros e Karnopp apresentam alguns exemplos de processos de flexão nominal e flexão verbal na Libras, com o intuito também de estimular mais pesquisas. Ao considerar a data de publicação dos estudos das autoras (2004), podemos presumir que nesse ínterim de 16 anos, outras pesquisas tenham sido desenvolvidas em relação aos estudos linguísticos sobre as línguas de sinais. Contudo, ao discorrer sobre os reveses dessa pesquisa, é relevante pontuar sobre a tímida atenção das pesquisas em Linguística Descritiva no que tange ao enfoque dado na presente pesquisa.

3 O fenômeno de flexão na Libras na perspectiva de Ferreira Brito (1995)

Ferreira Brito (2004) defende que os mecanismos gramaticais das línguas de sinais, muitas vezes são baseados na simultaneidade e que a modificação na extensão e direção do movimento de alguns sinais podem ocasionar fenômenos de flexão, tais como a ideia de grau e flexão para pessoa e número nos verbos multidirecionais. Assim, a autora descreve os processos flexionais de gênero, número e qualificação, grau, pessoa, tempo e aspecto.

Em relação ao gênero, Ferreira Brito esclarece que os nomes não apresentam flexão de gênero. Para alguns substantivos há a indicação de sexo realizada pospondo-se o sinal HOMEM/MULHER, indistintamente para pessoas e animais. Também, a indicação pode ser obtida através de sinais diferentes utilizados para representar os gêneros masculino e feminino. Como exemplo, a autora cita os pares NOIVO e NOIVA que em determinada variação, utilizam de sinais diferentes para representar o substantivo masculino e feminino.

Nesse caminho, a pesquisadora considera questões de variação linguística, sendo que algumas variantes podem apresentar o fenômeno descrito, como exemplo, apresenta a variante dos sinais PAI e MÃE do Rio de Janeiro (na época em que a descrição foi realizada), tais sinais são compostos e seguem a primeira estratégia de anteposição dos sinais HOMEM e MULHER.

A flexão de número, de acordo com Ferreira Brito, se manifesta através dos valores singular, dual e plural. Nos substantivos, o valor dual pode ser expressado pela repetição do sinal; pela anteposição ou posposição do número DOIS; ou, ainda, por um movimento semicircular orientado para dois referentes. O plural pode ser obtido pela repetição do sinal três ou mais vezes; também pela anteposição ou posposição de sinais indicativos de número; por meio do movimento semicircular que referenciará todas as pessoas e/ou objetos em questão; ou pela posposição do sinal MUITO.

Ferreira Brito argumenta que o mecanismo de mudança de um ou mais parâmetros evidencia a exploração do espaço a partir da simultaneidade, para inclusão de informações gramaticais em itens lexicais, processo que também é utilizado para marcar a quantificação. Nessa direção, muda-se o parâmetro configuração de mão para aumentar o número de dedos estendidos com o intuito de obter quantidades maiores, como em UMA-VEZ, DUAS-VEZES e TRÊS-VEZES; ou para obter uma maior intensidade, como em LONGE, MUITO-LONGE ou MUITO LONGE.

Nesse último caso, o sinal LONGE é realizado normalmente, MUITO-LONGE o parâmetro movimento do sinal é alongado e, MUITO LONGE o sinal MUITO é posposto ao sinal NERVOSO. Em relação à indicação de intensidade, esta parece estar mais relacionada aos processos de flexão de grau e aspecto. A flexão de grau, de acordo com Ferreira Brito, ocorre nos adjetivos de diferentes formas. O grau superlativo e de comparativo de superioridade também podem ser identificados na Libras através de alterações no parâmetro movimento.

Ferreira Brito (1995) esclarece que a distinção no movimento é encontrada nos sinais PRIMEIRO (direção do movimento para cima) e ÚLTIMO (direção e movimento para frente), sendo que a intensidade e comprimento do movimento são maiores para o sinal PRIMEIRO. Assim, a autora aponta que tais condições sugerem que a modificação do movimento o direcionando para cima e atribuindo-lhe maior intensidade e comprimento, demonstra que adjetivos podem ter marca de superlativo e de comparativo de superioridade.

Ainda em relação ao grau, Ferreira Brito afirma que o grau aumentativo e diminutivo nos substantivos pode ser expresso pelos sinais MUITO/POUCO ou GRANDE/PEQUENO, geralmente posposto ao substantivo. Em casos específicos, há sinais diferentes para os substantivos marcados pelo grau, como exemplo, a autora destaca os sinais de

CAFÉ/CAFEZINHO. Já no adjetivo BONITO, os graus aumentativo e diminutivo são marcados por expressões faciais distintas que mudarão o sinal para BONITÃO e BONITINHO.

A flexão de pessoa, de acordo com Ferreira Brito, está relacionada às três pessoas do discurso, no singular e plural. A autora trata também dos verbos direcionais que flexionam para número e pessoa no ponto inicial e final do movimento que os caracteriza, como o verbo ${}_1\text{DAR}_2$ (EU DAR VOCÊ), em que o ponto inicial do movimento é o sujeito e o ponto final é a flexão do objeto indireto. Dentre outros aspectos, Ferreira Brito alerta, por a Libras ser uma língua “*Pro-drop*” pode apresentar sujeito e/ou objeto nulo, ou seja, não se apresentam explícitos nos enunciados. Nos casos dos verbos direcionais ou flexionais, de acordo com a autora, o sujeito e o objeto são sempre marcados e a ordem é fixa. Em alguns casos, o objeto direto livre pode vir antes ou depois do verbo flexionado, e as pessoas do discurso, também podem se apresentar através dos pronomes e através da flexão verbal podem ser não explícitas por nenhuma forma linguística.

De acordo com os estudos da linguista, a flexão de tempo é expressa através de locativos temporais manifestados por relações espaciais. O presente é marcado pelo plano vertical imediatamente em frente ao corpo do locutor (como nos sinais HOJE e AGORA), enquanto o futuro próximo é marcado por um movimento curto direcionado para a frente do locutor (como no sinal AMANHÃ). Em relação ao futuro distante, este é marcado por um movimento amplo mais distante do corpo do locutor para a frente (como nos sinais DAQUIA-MUITO-TEMPO). Sobre o passado, ele é evidenciado por um movimento sobre um dos ombros até atingir o espaço imediatamente anterior ao ouvido (como no sinal ONTEM). Assim, o passado distante é marcado por um movimento amplo que se estende além das costas (como no sinal HÁ-MUITO-TEMPO), conforme Ferreira Brito (1983).

De acordo com o pressuposto pela autora, as línguas de sinais são multidimensionais, e os parâmetros podem ser alterados para obtenção de modulações aspectuais, na incorporação de informações gramaticais e lexicais de quantificação, negação e tempo. Diante disso, podemos depreender que tais processos estão presentes, tanto nos processos de flexão, quanto nos processos de derivação. Em relação aos aspectos pontual, continuativo, durativo e interativo, a pesquisadora esclarece que eles são produzidos por meio de alterações nos parâmetros movimento (M) e/ou configuração de mão (CM).

4 O fenômeno de flexão na Libras na perspectiva de Felipe (1998)

Felipe (1998) propõe em sua pesquisa estabelecer uma classificação para os verbos da Libras. Por meio de seus estudos, a autora identifica elementos na língua que a possibilitou distinguir a classe dos verbos a partir do seu sistema de flexão em gênero, número-pessoal e locativo. Essa classificação é proposta tendo em vista que a constituição do verbo, enquanto item lexical, possui uma raiz que recebe elementos que lhes são agregados e que atuam como marca de concordância ou satélites. A fim de realizar tal processo de classificação, Felipe adota uma abordagem que leva em conta os níveis morfológicos, sintáticos e semânticos da língua. Diante disso, ela apresenta o verbo como uma rede que, devido a regras de seleção restritiva, seleciona argumentos, regras temáticas e alterações diátesis. Nessa direção, existe um frame verbal que induz a um frame temático que, por sua vez, induz a um frame proposicional.

Felipe apresenta os processos de formação de palavras na Libras devido ao seu aspecto morfológico na composição dos sinais e em sua relação com os processos flexionais da língua. Destaca, sobretudo, os processos de formação dos verbos. De acordo com a autora, os sinais são formados pelos cinco parâmetros da língua relacionado aos aspectos fonológicos, e a alteração nesses parâmetros resulta em processos relacionados a aspectos morfológicos. Nas palavras de Felipe (1998, p. 13),

Estes cinco parâmetros, através de algumas configurações de mão, de alguns movimentos direcionados, de algumas alterações na frequência morfológica, podem expressar morfemas que, através de alterações em suas combinações, formam os itens lexicais das línguas de sinais; são morfemas lexicais ou gramaticais que podem ser, diferentemente, uma raiz/radical (M), um afixo (alterações em M), uma desinência (Dir) ou uma marca de concordância (P A e CM).

Assim, a linguista exemplifica que o parâmetro Direcionalidade (D ou O) pode caracterizar um advérbio de tempo, como por exemplo, no sinal ANO (realizado com movimento circular no sentido horário) e ANO-PASSADO (realizado com movimento circular anti-horário). A direcionalidade também pode indicar uma flexão verbal de pessoas do discurso através da alteração na direção do movimento retilíneo, como no sinal ₁PERGUNTAR₂ (realizado com o ponto inicial indicando 1ª pessoa e o ponto final indicando 2ª pessoa), sendo que, de acordo com a autora, “a direcionalidade para a direita e para esquerda pode ser uma marca de mudança de turno” (FELIPE 1998 p.14). O parâmetro Movimento (M) pode ter alteração na sua

frequência que pode ser marca de aspecto temporal, de modo ou intensidade, como nos exemplos respectivos TRABALHARCONTINUAMENTE, FALAR DEMASIADAMENTE e COME MUITO.

O parâmetro Ponto de Articulação (PA) pode ser uma marca de concordância do verbo com seus argumentos nos casos intrínsecos de locativos, ou seja, nos verbos em que apresentam na finalização do movimento um local onde é realizado o sinal que corresponde ao locativo, como exemplo, a autora destaca, MESA_i COPO objeto arredondado COLOCAR_i. Felipe esclarece que o Ponto de Articulação também pode ser um ponto de referência do índice pronominal. Uma vez que as pessoas do discurso e os argumentos do verbo são articulados em espaço neutro marcado por posições específicas, aponta-se para o ponto que foi definido ou convencionado como locativo sempre o retomando quando se referir a determinada pessoa do discurso ou argumento do verbo.

Assim, Felipe comprova que a Libras é uma língua que possui flexão, visto que algumas das configurações de mão podem ser classificadores que fazem marcação de gênero animado (pessoas/animais) e inanimados (objetos/coisas) e que, algumas direções e pontos de articulação podem atuar o como marcadores de concordância na flexão verbal. Vale observar que a junção dessas unidades fonológicas pode produzir itens lexicais que iconicamente, indexicalmente ou arbitrariamente representam os seus referentes.

De acordo com os estudos da pesquisadora, tais processos morfológicos podem formar itens lexicais na Libras por meio de morfemas lexicais (que podemos relacionar com os processos derivacionais) e morfemas gramaticais (que podemos relacionar com os processos flexionais). Porém, a autora não apresenta distinção entre os processos derivacionais e flexionais, sendo que tais processos aparecem no texto como estando relacionados. A esse respeito, Felipe (1998, p. 22) assim se expressa:

Nos estudos sobre os processos de formação de palavras (composição, aglutinação, justaposição e derivação), as línguas são sempre apresentadas em relação aos seus morfemas lexicais (raízes/radicais) que se prendem a morfemas gramaticais formantes (desinências e vogais temáticas) e/ou a derivacionais (afixos e clíticos).

Nessa direção, os processos de formação de palavras são utilizados para demonstrar os aspectos morfológicos utilizados na composição dos lexicais e de seus morfemas (lexicais e gramaticais), sendo que os morfemas gramaticais estão relacionados aos processos flexionais da língua. Assim, a partir da classe do verbo na Libras, Felipe apresenta os processos de formação de palavras que são, modificação da raiz, derivação zero, processos miméticos e regras de composição. Destacamos que tais processos foram apresentados na segunda seção desta dissertação, assim, tendo em vistas os morfemas gramaticais, adentraremos mais especificamente no processo de modificação da raiz.

Sobre o processo de modificação da raiz, Felipe pontua que este pode se dar de duas formas: a partir da adição de afixos ou de modificações internas. O primeiro processo consiste na compreensão de raiz, como nas línguas orais, parte da palavra que recebe após vogal temática, afixos tais como as desinências. Nesses casos, a raiz não é um morfema livre, condição que pode ser atestada em alguns itens lexicais das línguas de sinais, conforme Bloomfield (1933), citado por Felipe.

Em seus estudos, a pesquisadora apresenta o processo de modificação de raiz pela adição de afixo a incorporação de negação. De acordo com Felipe (1998), um morfema de negação que atua como sufixo é incorporado na raiz de algum verbo, mais especificamente de verbos que possuem raiz de_ inicialmente, e que finalizam com um movimento _para, ou seja, em verbos que possuem raiz com um primeiro movimento e finalizam com movimento oposto.

Diante disso, a autora apresenta como exemplo os pares dos verbos QUERER/NÃOQUERER, SABER/NÃO-SABER e GOSTAR/NÃO-GOSTAR. Como infixos, a negação se incorpora simultaneamente à raiz verbal através de movimento ou por meio da expressão corporal como movimento de negação com a cabeça realizado concomitantemente ao sinal ENTENDER, gerando a forma NÃO-ENTENDER, por exemplo.

Ainda sobre o processo de modificação por adição a raiz, de acordo com Felipe, este pode se dar pela incorporação do intensificador MUITO, ou de casos modais que alteram também a frequência do movimento. Felipe apresenta alguns exemplos desses processos na Libras, tais como a incorporação do advérbio —rapidamente|| com movimento repetido e acelerado do verbo e do intensificador MUITO com movimento mais lento e alongado a frente do sinalizador, como nos sinais ANDAR-RAPIDAMENTE e ANDAR-MUITO.

Sobre os processos de modificação interna da raiz, a estudiosa destaca três mecanismos. O primeiro mecanismo apresentado é a flexão de pessoas do discurso, realizado através da direcionalidade do movimento retilíneo que marca as pessoas do discurso. Esse mecanismo faz com que a raiz movimento se inverta ou adquira a forma de arco para flexionar em relação às pessoas do discurso. O segundo mecanismo é a flexão de aspecto verbal, realizado através de mudanças na frequência ou na velocidade da raiz movimento que marcam os aspectos durativo, distributivo e contínuo. O terceiro mecanismo é a flexão de gênero, realizada através de algumas configurações de mãos que funcionam como classificadores utilizados para marcar a concordância de gênero animado e inanimado. Felipe exemplifica que o sinal COLOCAR, verbo de raiz movimento –de, ocorre para fora do emissor que incorpora à sua raiz a configuração de mão classificadora que especifica a coisa colocada em algum lugar.

Mais tarde em um novo trabalho, *Os processos de formação de palavras na Libras*, Felipe (2006) apresenta os processos de formação de palavras. Nesse estudo, a pesquisadora acrescenta aos processos de modificação interna da raiz dois outros mecanismos. Assim, o quarto mecanismo é a incorporação de numeral que, ocorrem a partir de numerais de um até quatro (realizados através de configurações de mãos) acrescentados à raiz, como quantificadores. Segundo Felipe, esse mecanismo é bastante produtivo na Libras e se faz presente no sistema pronominal para representar as pessoas do discurso (DUAL, TRIAL, QUATRIAL e PLURAL), bem como também no sistema de classificadores e em alguns advérbios tais como, ANTEONTEM, UMA-VEZ/ DUAS-VEZES/TRÊS-VEZES e DOIS-DIAS/TRÊS-DIAS.

Observamos ainda, que a incorporação do intensificador MUITO, ou de casos modais, que alteram também a frequência do movimento, antes era encarado como acréscimo à raiz. Agora passa a ser apresentado como o quinto mecanismo de modificação interna da raiz, em que a incorporação do advérbio RAPIDAMENTE ocorre com movimento repetido e acelerado do verbo e do intensificador MUITO, com movimento mais lento e alongado à frente do sinalizador.

Além dos processos de flexão verbal apresentados acima, Felipe destaca também que o sistema de flexão verbal na Libras é composto por classificadores de âmbito restrito, que são os morfemas. Esses classificadores, enquanto categorias semânticas são realizados morfossintaticamente como marcas de concordância de gênero animado e inanimado. A esse

respeito, Felipe esclarece que as línguas que fazem classificações e subclassificações através das categorias gramaticais estão sendo denominadas línguas de classes nominais ou não-classificadoras.

Em continuidade aos seus estudos, a linguista afirma que as línguas que apresentam classes gramaticais (nomes, verbos, adjetivos, advérbios, pronomes) e fazem uso de um sistema de morfemas obrigatórios que especificam em tais classes gramaticais subclassificações, elas estão sendo denominadas línguas classificadoras. No entanto, Felipe demonstra não coadunar com essa distinção entre as línguas, uma vez que esclarece que a Libras é uma língua classificadora já que apresenta classificadores que se constituem como um sistema de morfemas obrigatórios.

Em relação à flexão para pessoas do discurso, Felipe afirma que esta pode ser expressa pela direcionalidade ou caminho “*path*” que simultaneamente a raiz movimento, realiza a concordância verbal. Ela esclarece também que além da simultaneidade, existe também uma sequencialidade, já que o ponto inicial concorda com o sujeito (agente) e o final com o objeto (paciente ou alvo). Nessa direção, o ponto de articulação também pode funcionar como um tipo de flexão verbal porque, de acordo com Felipe, pode marcar a localização nos verbos que possuem uma valência com locativo intrínseco.

Esse ponto de articulação em questão não é o parâmetro que faz parte da composição do sinal, mas o que funciona como um morfema com uma determinada função e significado. Visto dessa maneira, esse ponto de articulação é um local real ou convencional onde o movimento termina (índice) é marca de concordância com um argumento do verbo, ou seja, sintagma locativo obrigatório. Como exemplo, Felipe destaca a frase, MESA_kCOPO coisa-arredondada COLOCAR_k, “colocar copo na mesa”. A letra “k” representa o índice e especifica o local exato onde o copo é colocado na mesa enquanto locativo (sobre, em baixo, acima no meio, no lado direito ou esquerdo). Para a autora, nesse tipo de verbo a frase se construirá sempre com o verbo em posição final porque é preciso apresentar antes o tema (argumento-objeto) que será colocado e o locativo (onde o objeto será colocado).

Esse verbo também possui marca de gênero animado/inanimado, uma vez que a configuração de mão irá alterar conforme o tipo de objeto que será colocado (objeto arredondado ou plano; grande ou pequeno). O exemplo mostra também que a configuração

de mão associada aos verbos classificadores com a função de gênero pode ser sincretizada a um outro classificador, quanta, arranjo e/ou locativo (como no caso do exemplo).

Felipe ressalta que além dos parâmetros apresentados, a frequência no movimento na raiz movimento pode indicar flexão para aspecto e expressões não manuais (faciais e corporais) podem expressar casos modais ou tipos de frase. Assim, a autora esquematiza o sistema de flexão verbal na Libras, conforme apresentado abaixo:

1. flexão de pessoa do discurso	→	parâmetro direcionalidade - mov. retilíneo
2. flexão de gênero e número	→	parâmetro configuração de mão - classificadores
3. flexão de lugar	→	parâmetro ponto de articulação - locativos
4. flexão de aspecto	→	freqüência do parâmetro movimento
5. flexão de caso modal e intensificador	→	parâmetro expressões facial e corporal e freqüência do parâmetro movimento

Figura 1 – Sistema de flexão verbal na Libras

Fonte: Felipe (1998, p. 63).

Entendemos com Felipe que os verbos da Libras são apresentados em quatro grupos: verbos sem flexão, verbos com flexão para pessoas do discurso, verbos com flexão para locativo/tema e verbos com flexão para gênero. De acordo com ela, essas quatro classes compreendem vários subtipos de verbos. Assim, dentre os verbos sem flexão estão os verbos sem sujeito e os verbos sem objeto. Dentre os verbos com flexão para pessoas do discurso se encontram os subgrupos de verbos; mudança de posse, comunicação, interação social. Nas línguas de sinais esses verbos têm sido chamados também, de acordo com Felipe, de verbos direcionais. Dentre os verbos com flexão para locativos estão os subgrupos; contato por impacto, criação e transformação, criação de imagem, cuidados corporais e remoção¹.

No grupo dos verbos com flexão de gênero (animado/inanimado) se encontram os subgrupos coleção, mudança de posse e movimento. É importante destacar que a subclasse movimento, devido às características sintático-semânticas, pode ser ainda mais subdividida. Assim, tais verbos de movimento com direcionalidade implícita, quando em um contexto

¹ Para visualizar os exemplos dos verbos na Libras referentes a cada uma das subclasses e/ou das quatro classes de verbos descritos por Felipe, consultar o capítulo 4 da tese, A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) – volume 1.

transitivo, incorporam ao evento através do movimento direcional as noções preposicionais, por isso, foram classificadas como; verbos com raiz “de_”; verbos com raiz “_para”; e, verbos multidirecionais.

Para elucidar, apresentamos a seguir alguns exemplos de verbos com flexão de gênero apontados por Felipe (1998, p. 119):

. **colocação** (Croft, 1991; Dixon, 1991; Gruber, 1976; Levin, 1993): AFASTAR, AGRUPAR, coisaARRUMAR4 ' COLOCAR/POR, EMPILHAR, ACHATAR, coisaABAIXAR, EMPOLEIRAR, ENROLAR, ETIQUETAR, GIRAR, IMERGIR/MERGULHAR, INCLINAR, JUNTAR, ROTULAR, coisa SEPARAR;

. **movimento** (Croft, 1991; Dixon, 1991; Gruber, 1976; Emonds, 1991; Jackendoff, 1990; Levin, 1993; Talmy, 1985): ACOMPANHAR, AMONTOAR, ANDAR, ANDAR, CAIR, DESCER, DESVIAR, DESLIZAR, FLUTUAR, coisa JOGAR, MOVER, PULAR, ROLAR, PERSEGUIR, PLANAR;

. **mudança de posse**: DAR e OFERECER.

A pesquisadora pontua que esses tipos de verbos vêm sendo estudados em muitas línguas orais, no entanto, na Libras a estrutura sintática destes grupos são as mesmas, por isso, ela optou por reagrupá-los em três classes maiores: coleção, mudança de posse, movimento. Entendemos com Felipe que os verbos da Libras são apresentados em quatro grupos: verbos sem flexão, verbos com flexão para pessoas do discurso, verbos com flexão para locativo/tema e verbos com flexão para gênero. De acordo com ela, essas quatro classes compreendem vários subtipos de verbos.

Assim, dentre os verbos sem flexão estão os verbos sem sujeito e os verbos sem objeto. Dentre os verbos com flexão para pessoas do discurso se encontram os subgrupos de verbos; mudança de posse, comunicação, interação social. Nas línguas de sinais esses verbos têm sido chamados também, de acordo com Felipe, de verbos direcionais.

5 Considerações finais

Considerando o objetivo primeiro dessa pesquisa que é o de investigar sobre o processo de flexão nas línguas de sinais, e em específico, analisar o fenômeno de flexão na Língua Brasileira de Sinais – Libras, é que apresentamos uma síntese da revisão bibliográfica sobre a temática do presente estudo. Sucintamente, abordamos os estudos de renomadas

pesquisadoras no âmbito da Libras, quais sejam, Quadros e Karnopp (2004), Ferreira Brito (1995) e Felipe (1998), para discorrer sobre o fenômeno de flexão na Libras. Por meio da pesquisa bibliográfica realizada, entendemos que as línguas de sinais apresentam morfologia segmentar simultânea, embora o plano de linearidade também pode se realizar.

Nesse sentido, com farta contribuição no campo da pesquisa da Libras, pudemos entender com Quadros e Karnopp (2004), que o primeiro processo de flexão para ‘pessoa’ utilizando recursos dêiticos está relacionado à classe dos verbos. Nesse caso, a dêixis muda os referencias pessoais nos verbos cujos processos dêiticos descrevem uma forma particular de estabelecer nominais no espaço que é utilizado pelo verbo com concordância, como parte de sua flexão.

Pioneira nos estudos linguísticos da Libras, Ferreira Brito (1995), entre várias outras contribuições, trouxe um destaque para os mecanismos gramaticais das línguas de sinais em seus estudos. Em suas análises, descrevendo os processos flexionais de gênero, número e qualificação, grau, pessoa, tempo e aspecto, essa linguista evidenciou a simultaneidade dos processos de realização dos fenômenos de flexão da Libras. Uma vez que há a modificação na extensão e direção do movimento de alguns sinais, essa simultaneidade ocasiona fenômenos de flexão, tais como a ideia de grau e flexão para pessoa e número nos verbos multidirecionais.

No que se refere aos estudos realizados por Felipe (1998), o destaque recai sobre a identificação de elementos na língua que permite a distinção entre a classe dos verbos a partir do seu sistema de flexão em gênero, número-pessoal e locativo, considerando a constituição do verbo, enquanto item lexical. Considerando em sua análise os níveis morfológicos, sintáticos e semânticos da língua, a linguista conclui que o verbo possui uma raiz que recebe elementos, que agregados, atuam como marca de concordância ou satélites. Adotando uma abordagem classificatória.

Ao discorrer sobre os reveses das pesquisas na área da Libras, é relevante considerar que têm surgido diversos trabalhos, considerando diversos aspectos das línguas de sinais, sobretudo, pesquisas voltadas ao campo da sociolinguística ou pesquisas bibliográficas para descrever os processos de flexão das línguas de sinais e da Libras.

Contudo, as pesquisas no âmbito da Linguística Descritiva em Libras, ainda carecem de ser aprofundadas e também divulgadas, a fim de se tornarem mais conhecidas e acessíveis aos

linguistas pesquisadores e interessados em adentrar na área. Diante do exposto, esperamos que o estudo aqui apresentado possa contribuir com a melhor compreensão dos processos de flexão nominal da Libras no âmbito da Linguística Descritiva, não apenas das características formais dos fenômenos, mas também no emprego efetivo dessas formas no uso corrente da língua. Esperamos também contribuir para a difusão e reconhecimento científico do *status* linguístico da Libras.

Referências

- ARONOFF, M. Gender agreement as morphology. Allomorphy, compounding, inflection, **Mediterranean Morphology Meetings (MMM)**, v. 1, p. 7-18, 1997. Disponível em: <https://academia.lis.upatras.gr/mmm/article/view/2339/2598> Acesso em: 07 mai. 2020.
- ARONOFF, M.; MEIR, I.; SANDLER, W. The paradox of sign language morphology. **Language**, v. 81, n. 2, p. 301-344, jun. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1353/lan.2005.0043>
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 25 abr. 2002.
- FELIPE, T. A. Os processos de formação de palavras na Libras. **ETD. Educação Temática Digital**, v. 7, p. 200-217, 2006. DOI: <https://doi.org/10.20396/etd.v7i2.803>
- FELIPE, T. A. **A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS**. 1998. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.
- FERREIRA BRITO, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995; 2010.
- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Libras: estudos linguísticos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

Recebido em: 27.10.2020

Aprovado em: 29.01.2021